



Intermezzo

poesias e reflexões

Copyright

José Manuel da Silva

1990-1992

©

Índice

| | |
|--------------------------------------|----|
| SEM TÍTULO / SEM SENTIDO | 3 |
| POESIA ANGUSTIADA | 8 |
| NA ÓPERA | 9 |
| PARA PABLO MILANÉS | 10 |
| JOGO DE PALAVRAS | 11 |
| CASO | 12 |
| TUDO PASSA | 13 |
| PENSANDO | 14 |
| PENSANDO OUTRA VEZ | 16 |
| MARÇO, UM PEDAÇO | 18 |
| DEDICATÓRIA | 19 |
| CONTOS ERÓTICOS | 22 |
| VERSOS PERDIDOS | 25 |
| LE PROFESSEUR | 28 |
| FACTS OF LIFE | 29 |
| DESEJO | 30 |
| NEW YEAR | 31 |
| MORE FACTS... .. | 32 |
| SONETO DE ANO NOVO | 33 |
| PELO ANO NOVO | 34 |
| ODISSEIA ESCOLAR | 37 |
| | 38 |
| NO RESTAURANTE (I) | 39 |
| NOVA POESIA VELHA | 42 |
| NO RESTAURANTE (II) | 43 |
| O DEPOIS DA TUA MÃO | 45 |
| POEMA CORRIDO RELATIVO | 46 |
| O CANTO | 48 |
| JOANA | 49 |
| A RIMA | 50 |
| VÊNIA | 51 |
| | 53 |
| SEM TÍTULO ou O OUTRO CAPÍTULO | 54 |
| SEM ASSUNTO | 58 |
| | 66 |
| | 67 |
| | 68 |
| PERDIDO ENTRE VERSOS | 69 |
| CONVITE AO PROFETA | 71 |
| PARÁGRAFO | 72 |
| NÃO HÁ DE QUÊ | 75 |
| MAIS COISAS | 77 |
| GARRA | 79 |
| ESTEREÓTIPOS | 80 |
| AVE! | 82 |
| RÉVEILLON | 83 |
| ALEATÓRIO | 85 |
| VERA | 86 |
| POEMAS DE BAR | 87 |
| O AMOR | 89 |

SEM TÍTULO / SEM SENTIDO**1.**

Não podemos mais
Estamos nos finais
O problema, meu amor,
É que eu gosto de sorvete geladinho
E você enche o saco
Pra eu esquentar ele um pouquinho
Que coisa louca
Teu beijo na boca...

2.

Cada sol tem o fá que merece
Pelo menos isto a mim me parece
É preciso adorar o que seja
A glória é o longe que beija

Minha rima é direta e é pobre
É o comum do lugar que me encobre
Cada véu tem o céu que procura
Cada lua sua rota mais escura

O fanático tem o deus que lhe cabe
O herético a descrença que lhe sabe
Cada amor tem um olho que vê
E um outro que é não sei bem o que.

3.

Yeah, I wanna get drunk tonight
See if the world is right
There's no one I can go to
And, me, this feeling is old to you

I wanna get lost tonight
Find the side that's bright
Watching the people move
I'll slide into my groove

I'm going to a star tonight
The farthest one in sight
I'm going to starve my love right now
So's I can hardly sense the crowd.

4.

From the imaginary land I've come
 In the sweetest form of energy I've swum
 Basking in the air around you
 Cast out from the world I knew
 I've finally found the place
 Where red turns into blue.

5.

You bought me for half the price,
 So why do you complain?
 We could've done much better,
 Now only you and I remain.

6.

Sou um ser ambíguo
 Que ri quando deve chorar
 Um caminho exíguo
 Que liga o céu e o mar.

7.

I'll still love a million girls and then I'll die
 I'll still wipe a million tears and then I'll cry
 Oh! what noxious smell – defeat has just got here
 Oh! do promise, sweet dreams, don't disappear

I'll die a million deaths and then I'll live
 I'll take a million times and then I'll give
 The morning's had strange ways to be of use
 The future has no news – it lies diffuse.

8.

Frustrar-se é entrar na pessoa e não achá-la;
 Achar-se é perder-se na mata e não deixá-la.

9.

Posso ser bom e posso ser mau
 Posso ser gente ou animal.
 Depende.
 Não sei de que mas depende.

Posso ser uma chama que acende
 Posso apagá-la também
 E cuspir em seguida no amém.
 Depende.
 Não sei de que mas depende.

Acende, chama, vai, acende.

10.

Feliz do favelado, do imbecil e do enfeitado
 Que não pensa por não ter no que pensar
 Que não faz por não saber como fazer
 Que só ama por não saber como gostar
 Que só vive por não ter mais como morrer

Pobre de mim que frustrado raciocino
 Que estudo que analiso e que opino
 O mundo é vasto, a mente um grande continente
 E no final a gente é quase o tão-somente.

11.

A solidão se fosse má causava dano
 Ou um prazer, bem entendido, sob o pano
 O mar em suma ainda tem de ondular
 O ser humano ainda muito que sonhar.

12.

Who am I to complain
 Of the anger and pain
 A mere marionette
 Painted of life's palette
 My eyes see darkness
 And old-fashionness
 My hands write verses
 In a way sheer, full of mercies
 Who am I to disturb
 The man in the curb
 Creatures roam the earth
 In the void seeking mirth
 Their eyes reflect our screams
 And their voices our crumbled seams
 Love is too wondrous a rhyme
 To be spent in an odious lifetime

Who am I to just die
 And my life defy
 What's the aim of this life
 To end in a death of strife
 Who am I
 And why
 ?

13.

Até invejo a alegria dos nubentes
 E compartilho da cobiça dos ausentes
 Mas nem pelo sorriso acetinado da casante
 Trocaria a solidão do mim pensante

Porque penso no amor
 No deitar e no falar
 E me vejo sem cor
 No amanhecer e no calar

E por isso gozo calado
 Para evitar que meu corpo se exalte
 Amo comigo por instantes
 No abandono de um porquê que me falte

Até entendo os nubentes
 Um esplendor dependido e amargo
 Me alegro de ver os pombinhos
 Na esperança
 Da herança
 Comilança
 A trança
 Para tudo utilizar na dança.

14.

Je veux une explication
 Pour cette triste impression
 Si j'écris sans arrêt
 Donc le gris devient vert ?

Je veux pas de raison
 Ou l'éclat d'une prison
 Si je suis dans la porte
 Donc mes vies seront mortes ?

Je suis une partition
 Les personnes un frisson
 Quand la plume est cassée
 On écrit ce qu'il veut ?

Des question, des questions
 Sur les ouis, sous les nons
 Par le même motif
 Tous les hommes sont vifs ?

15.

Je me suis tombé amoureux d'une mouche
Je sais pas pourquoi
Je sais pas combien de fois
Tout ce que je sais
C'est que ma mouche est spéciale
Ma mouche est très normale
Elle a quelque chose d'inexplicable
Qu'existe dans les aspects féminins d'une femme
Au bout de l'âme
Oui, parce que l'âme d'une femme
Peut-être c'est exactement ce qu'il me manque
Je sais que les mouches sont au tour de moi
Leur voix sont pleines du noir
Ou l'amour n'est pas comme ça ?
Ah ! quel bordel des idées
Ah ! c'est l'infer des pensées
Et je me suis encore tombé amoureux d'une mouche
Non, je veux dire autre chose
C'est une belle question qu'elle me pose
Les mots sont en train de sortir de ma bouche
Je voudrais être quelqu'un
Elle peut ressembler les gens
Ça n'importe pas
Au tant que ma mouche soit là.

Rio, 1990.

POESIA ANGUSTIADA

A vida me aperta me força me empurra
Meu ser só reage de forma covarde
Me sinto acuado por vários motivos
O rádio me fala de um mundo ideal
Sou produto de um comercial de tv
A vida não é o que queremos que seja
Nem a mulher talvez me toque quando diz que me beija
O mar não é bem o mar
Porque não sei ver o mar
Sou o produto relativo de minha relativização
Que só existe enquanto existe o relativo do outro
Por isso sou o reflexo de um relativo falso e ideal
A tal ponto que às vezes misturo o bem e o mal
Critico nos outros aquilo que eu mesmo faço
Uso dos outros a perna em local de meu próprio braço
E faço uma poesia insossa
Produto do mundo à volta
Resultado de não viver iludido
Imerso na consciência de me sentir tão perdido
E me calo não por fuga ou covardia
Mas na certeza de que calar é ousadia
Quando é um fato opcional pensado e refletido
Meu deus em que não acredito
Não consigo ainda parar de pensar
Queria dormir dormir e fumar
Mas não fumo
Só vejo os outros fumando...
Sonho demais
E não vejo os outros sonhando...

Rio, 1990.

NA ÓPERA

Me deu uma vontade de chorar
 Quando entrou a Madame Butterfly
 Não sei se pelo clássico da música
 Se purificado pelos tons elaborados, tão bem entrelaçados
 Talvez pelo evento social que me há subido à cabeça
 Quiçá pelos perfumes que se encontram
 Ou por estar onde poucos podem vir
 Os trabalhadores assalariados que sonham
 Com o contato
 Com o toque
 Do sagrado som da ópera
 Talvez pela beleza sinestésica e tocante do canto agudo e pungentemente,
 [tristemente feminino]

Só sei que se me dio unas ganas de llorar
 Deve ser meu psiquismo, excitado com o momento cultural
 Agora me perco no registro deste momento inusitado
 E perco partes desta maravilha de cenário e sons treinados, lapidados e vestidos de
 [alta sensibilidade e poesia]

Quem sabe não quase chorei por não ser eu que estou no palco
 Et ce désire de jouer avec des langues, les sens du langage
 C'est comme le besoin de m'exprimer en ton sauvage
 Como se o sentir total se expressasse em várias línguas
 Eu ouço e sinto que meu ato chegou ao fim
 E guardarei pra sempre a beleza inaudita deste momento intuitivo
 E terei a madame toda só pra mim.

Rio, 1990.

PARA PABLO MILANÉS

Quantos morreram
Quantos morrerão
Quantos se embebedam
Quantos beberão
Para esquecer das tragédias
Dos homens
Para tentar entender como podem
Serem tantos os que somem
Choro por estar feliz
Por entender o que diz
El cantante Milanés
Que se dilacera pelo que outro fez
Não quero ser famoso
Só quero perguntar
Como dormem
Os que matam
Não os miseráveis que passeiam com fome pela rua
Mas sim os que governam, que legislam
Que nos matam sutilmente
Em nome da ordem e progresso
Das roubaças e do íngreme sucesso
El tiempo pasa e eu ainda te ouço
Sou um velho me recusando a ficar moço.

Rio, 1990.

JOGO DE PALAVRAS

Você com esse seu jogo de palavras
Invariavelmente me confunde e me irrita
Infelizmente me fascina e me conflita
Minha miséria é acreditar impunemente
Em certas coisas que às vezes você diz
São tão bonitas, inesperadas e ardentes
Me deixam louca porque são tão coerentes
Comigo, com meu ser
Com meu desejo e bem-querer
E aí me vem você com esse seu jogo de palavras
Me excitando e me mordendo
Me alfinetando o pensamento
Aí me entrego à ilusão
Justificando a maldita sedução
E de manhã depois da farrá eu me pergunto
Dividida na incerteza das lembranças
Já até me pego me enredando nas palavras
Como eu dizia é aí que me pergunto:
Se eu não sou tua, e não sei o que dizer,
Maldito amante, por que é que gosto de você?

Rio, 1990.

Copyright

CASO

Sou teu caso
Sério
Sou tua flor
Teu mistério
Sou daqueles que ainda se excitam com um olhar
Com o luar
Sou o outono em teu corpo
A desaguar
Num tal calor
De um verão fora de época
Sou teu caso
De polícia
Sou a mão
Que te admira na carícia
Sou todo teu quando calhamos de estar juntos
Não sou ninguém
Mas sendo dois nós somos muitos
Quando no escuro
Somos a própria fantasia de nós dois
E depois, e amanhã,
Bem, depois já é um tempo muito longo
Não nos percamos com o futuro, insônia vã,
Sou o teu caso
É o que basta
No momento
Es, no meu caso,
O que não basta
O argumento.

Rio, 1990.

TUDO PASSA

Sinto com as palavras
Penso com as mãos
Deixo em tuas entranhas
A sensação de ter-te entregue o coração

Passarei na tua vida
Pois nesta vida tudo passa
Mas estarei na tua lembrança
Como do prédio a argamassa

Não me envergonho da entrega
Não me oponho à refrega
Mas, veja bem, amor esguio,
O arroz se colhe no plantio.

Rio, 1990.

Copyright

PENSANDO

I.

Há coisas que acontecem em momentos diferentes
 Há pessoas que se encontram tão em vidas divergentes
 Eu aqui por meu redor sinto um alívio momentâneo
 Seja o grito da paixão seja o vago sucedâneo

Aparente é o universo
 Relativa a imensidão
 O buscar e o encontrar
 Partes de um mesmo roldão

Desenxabido um amor qualquer
 Que tenho pouca excitação
 Exagerado o que vier
 Do assediar em possessão

Petulante sou enfim de ser feliz neste momento
 Um enxerido em tua vida mas que dispensa o juramento.

II.

Muito obrigado por me ensinar
 Por me alertar
 Sobre os perigos do amor
 Sobre os prazeres da dor
 Da dor de resistir
 Na iminência de explodir

Sadomasoquismo sob a mesa
 Fazendo pouco caso da incerteza
 Tesão inacabado in absentia
 Desejo em sonho altivo in tua praesentia

Muito obrigado por mostrar
 Por aturar
 Toda a da pressa inconveniência
 Toda a imatura obsolescência
 De um querer que se esgota inesgotável
 Pois tudo em suma é viver o inviável.

III.

E como não posso ver linhas sobrando num papel
Aí vai uma poesia de aluguel
Improvizada como a vida do manuel
Um arremedo de poeta e menestrel

As linhas enchem e vão ficando mais bonitas
Como a videira que enche o caramanchão
Numa fazenda se sente o cheiro da beleza
Numa poesia se vê o olhar do coração

Que poderia bem ser uma outra parte
Já que o todo é uma parte de algo mais
E outra vez já me vou eu filosofando
Tentando pôr um dado à frente no atrás

Adeus papel que foi aqui meu companheiro
Adeus minutos que não compram o dinheiro
Adeus amor ou qualquer coisa parecida
A vida é vida porque não é senão a vida.

Rio, 1990.

Copyright

PENSANDO OUTRA VEZ

I.

Aqui tem mais do que lá
Lá tem mais do que aqui
É a incoerência, irmão,
É o dó querendo cair em si

É triste depender da humanidade
É o cúmulo viver em sociedade
Vinhetas de um assunto inesgotável
Valências de um viver inexorável

O humano se influencia pelo amor
Uma dádiva ilusória e vã até
Uma coisa inexplicável embora forte
Tão dogmática que se confunde com a fé

E vamos nós amando e amando nós nos vamos
Que me perdoem os pitágoras de samos
Teorizar a vida é nulo, é pôr-se o sol
Viver exige o angular do pensamento
É ver da ponte antes do peixe o anzol.

II.

Me olha um homem e me olha uma mulher
Me sinto garfo e me sinto uma colher
Se faz a rima e se abandona em resquícios
De pensamentos de verdades e suplícios

Amiga eu choro por não saber continuar
Um sentir tão belo e tão amedrontado
Eu choro sim porque me perco em divagar
Sem conseguir pintar o significado.

III.

Viela suja onde passa essa menina
É ela é ela cujo ar em mim assina
Um nome estranho que a alma reconhece
Perfume eufórico que com vinho se parece

O meu pavor é de só ser e não viver
De pelo mundo me passar e não saber
Uma agonia se me dá se a vida às vezes embranqueço
Uma alegria me arrebatava se com o verso me pareço

Que rimas que nada
Que tudo que fada
O podre do mundo
Não está bem no fundo

Escrevi pra você e você não me ouviu
Olhei pra você e você não me viu
Senti por você e você não sentiu
Entrei em você e você saiu.

IV.

Aqui jaz um poeta
Um aluno maldito
Aqui jaz um atleta
Um herodes bendito
Foi em vida um suplício
Avatar perecível
Foi com a morte a esperança
Contestar irascível.

Rio, 1990.

MARÇO, UM PEDAÇO

Como é que podes dormir
Com tanta demagogia
Com tanta hipocrisia
?
O que é que deves sentir
Na injusteza da medida
Na pobreza impedida
?
Se és duro ao fazer
Sou duro ao defender
Não se tira o cobertor do mendigo
No inverno que vê longe o amigo
Não se capa o animal por maldade impensada
No inverso da bondade, na apologia do nada
Grito alto porque meu irmão se encolheu na surpresa
Choro baixo porque a família se iludiu à francesa
Falo das filas
Falo das horas
Desperdiçadas, abandonadas
Falo dos homens
Falo às mulheres
Desesperados, inconsoladas
Penso nos pobres
Penso nos dias
Ensarjetados, mal-dormidos
Penso na fome
Penso no aviso
Irreversível, incompreendido
Enfim espero como todos esperam
Covarde até porque impotente
Mas no meu canto há um tom de tristeza
Da esperança que há pouco tempo era quente
Sou, meu amigo, um perfil dessa massa
Que chora e esperneia
E que implora inouvida quando você nunca passa.

Rio, 1990.

DEDICATÓRIA

Você me pediu um poema
Que pena
Você aí tão longe
E eu tão mais longe ainda
Você me esquecendo na Europa
E eu aqui
Assim meio não ansiando a tua vinda
A vida corre
Como sempre correu
O poema escorre
Como sempre fiz eu
Penso em você
Por razões obscuras
Lembro de certos momentos
Em que tateamos
Como se fosse às escuras
Por um lado ainda arranjo um jeito e me vingo
Mas por outro
Pra quem vou ligar nesta noite-domingo?
A pena desfila arranhando o papel
Como o uísque destila as emoções do troféu
O ser que se flui de mim
Em momentos de livre poesia
É como o azul do avião
Prateado invisível em plena luz do dia
Tive um sonho uma vez em que a vida morria
Não sei como acordei
E um pouco amargo me achei
A mente viaja contigo
Mas não pro mesmo lugar
Viaja porque a poesia
Só sabe mesmo é viajar
Quem sabe eu encontro as respostas
Pra nosso tanto perguntar
Um dia ainda desisto
De tão porcamente rimar
Vi milhares de seres um dia enfileirados
Caminhavam para a morte
Transpus a barreira do som
E caí na minha sorte
Ainda não sei se penso em você
Só porque sei não estar você perto
Mas também penso em tanta outra coisa
Que não sei se mereço atenção
A rima se perde no afã de dizer
Os homens se traem no pavor de perder
E por isso os poetas que de tanto pensarem se escondem

Não se cansam por dinheiro algum de tentar e tentar escrever
Aliás escrever é martírio e todos os lugares-comuns
De que falam uns e outros
Só entende o que escreve o poeta
Quem estiver com a sua porta aberta
Ou fechada não sei
O escrever é por si contradição
Já que não se sabe onde está o pensar
Se na mente no espírito ou em algum coração
Solitário me sinto como sinto a paixão
Que alardeia os horrores
De sentir o tesão
Por um pedaço de pão por um tanque de guerra
Por marchar pro abismo por deixar esta terra
Sou um sério candidato amiga
Ao suicídio do ser
Não me encontro no chão nem na longínqua galáxia
Nem louco posso almejar a ser
Pois louco é quem se guia pela certeza do amanhecer
E eu aqui no meu canto
Só gozo no anoitecer
Não sei se te amo ou se enxergo o adeus da esperança
Não sei se nos livros encontraria no logo a tardança
Só sei que não sei não saber
E que isso não vai preencher
Vai longe o tempo da espera contida
São outras as épocas hoje
Metade dos seres que comem
Não sabem se ficam ou correm
Por mim ou por fim já não sei
Eu me sinto por demais repetido
Amo a vida o sol e a morte
E me entrego ao pensar e ao corte
Respiro ares podridos e felicidades no bar da esquina
Choro e rio e alterno os olhares
Rezo a mim e cobiço a menina
Sou energia em forjar confissão
Sou desabafo dos últimos dias
Recluso me tranco na ignorância do mundo
Cúmplice inválido de uma espera pedida
As memórias me vêm as imagens também
Vejo meu reino vejo a pobreza e ainda vejo o harém
Não tenho mais forças de andar cem quilômetros
Desisto ao pensar no grão de areia que entrou no sapato
Queria dizer ao mundo que sofro em vão
E acabo outra vez na vã e bela confissão
A vida é amarga
Que posso fazer?
Não é só pra mim

Os outros é que não querem ver
No mínimo não acertei a perdiz
No máximo pude ter você e não quis
Poderia dizer muito mais
Mas o sono me cansa o olhar
Podíamos ser o demais
E acabamos sem nem começar
Não me arrependo de algo já feito
Procuro desolhar o meu leito
Que os nexos se encontrem no inferno
Onde o amor é tão tudo que é terno
Poderia me queixar ou mentir
Criticar o por que discutir
Mas o sono por demais me enfraquece
Me oscila entre a dor e o prazer
Mais um eco do inconsciente humano
Perdido no cheiro da tinta
Que escreve coisas bonitas
Que sonha e assina os destinos do povo
E se esvai como o riso do novo
Por isso pergunto se vai valer a pena
Que leias tamanha bobagem
Um discreto relato do nada
Do vazio que é o ser vivente
O pedido do esgar inconsequente
O calor de um temor procedente
É que ser e viver pesam muito
E a existência se voa de rápida
As gentes se ficam boquiabertas
Quando veem já perderam a hora certa
Já agora se esgota a fugaz inspiração
Deixou o jasmim do desejo de algo na brisa
É como o verão que no gelo agoniza
Quisera poder te dizer coisas belas
Provocar acidentes e curar as sequelas
E só consegui
Chegar até aqui
Mas é que você me pediu um poema
Que pena.

*Rio, 14 de outubro de 1990
11:00 da noite
Grajaú*

CONTOS ERÓTICOS

Te entro por trás e meu mundo se explode
Te sinto as coxas mexendo inquietas
Murmuro um qualquer coisa de gaiato sedento
E entro mais fundo em teu salgado buquê
Correndo e parando, sôfrego e resfolegante
Junto e afasto o meu corpo do teu
Na virada me agarras gostosa e ardente
Me enlaças as pernas por os quadris que volteiam
Procuro algo no teu interno escuro
É uma mistura de louco e selvagem
Um pré-desaguar de vontade contida
Escondo e retiro de ti o meu arlequim
E enquanto isso te ris e te choras
Te gritas te grito gemendo que estamos
Subo mais alto para te ver panorâmica
Me olhas então no inalo e exalo
Sem parar
Acelero e freio em meia-marcha meu sexo
E me apertas demais e demenos agora
Por que me agarraste com braços e unhas
E depois me soltaste?
Me puxas expulsas me dói docemente
É o cheiro do sexo no sexo uivante
Iminente
Vou quase gozando te agarro febril
E sinto que paras no não-chegado momento
Já não sei o que falo e não sei se te escuto
Vivo agora pelo sexo no teu sexo e no meu
Em rimas assimétricas que rimam e desrimam
E desarrumam nossos cabelos
Quero acabar dentro de ti
Mas também não o quero que ainda o chegar
Me dá desvarios de te penetrar outro lado
Te rasgar me sangrar de coragem e alento
Suplico a entrada no local proibido
Libidinando tua boca te peço na perna
Te viro e domino e gemes de dor
Mas parece que pedes e empurras com força
Escorro meus dedos por teus sucos melosos
E falo besteiras pornográficas e sujas
Pergunto excitando pedindo e deixando
Te domino com minha força de macho no cio
E me excito com os gritos de fêmea promíscua
Te chamo de puta escorro pra dentro
Já não sei onde entro se saio ou deslizo
Todo meu eu se resume nesta fungada desesperada
Neste chafurdar numa lama deliciosamente nojenta

Me vêm à cabeça outras mulheres
Saias e calças e pernas e bustos
Bundas que aliso, mãos que me tocam
Visualizo o irreal o impossível e o frenético
Um impasse carnal irresolvido na mente
Me perco imaginando que seduzo as donzelas
Orgias onde estou desvairado e chupado
Parece que te arfas por demais e agora
E volto culpado ao teu chão
Quase desisto paro reduzo
Foi teu mais forte um momento que me tirou do idílio
Volto a mexer devagar e me sentes mais dentro
Não, são só desvarios do prazer
Se soubesses, se soubesse
Daria meu corpo às pancadas
Para saber em que pensas
Enfim prosseguimos na viagem sem volta
Se paro me matas se paras não aguento
Somos no momento o momento um do outro
Que se foda o porquê de estarmos na cama
Nada mais interessa nesta hora loucura
Em que me faço presente e ausente
Quase ao mesmo tempo em tua casa umidade
Sou agora a cobra que procura lugares escusos
Para esconder a voracidade e o veneno que me consomem
És um ser de prazer um objeto quiçá de amor
Não, amor não existe por enquanto
Chegará depois do orgasmo quem sabe a dois
Sinto que te exaures teu gozo demora
Me expulsas me viras, suspiras
Suplicas eu mudo te entro de novo
Já não sei mais por que lado se de lado ou o que seja
Sou por ti em ti para ti
Porque sinto que estás em volta de mim
Não, pensamento errado, olho e te vejo embaixo de mim
Estou quase chegando já toco a sineta
Murmuro que venhas mas a rigor não me importo
Estou quase atingindo o egoísmo supremo do ser
Felizmente vieste ou sei lá se vieste
Não me importam teus gritos de prazer só me dão mais tesão
Vejo um monte de mulheres sevícias e você
Me traz novamente pra dentro de você
Já sou quase um gozo penso em te deflorar te chupar
Fazer coisas que não sei bem o que
Sou perigoso neste momento
Um assassino violento
Nada me importa só quero sentir formigar o meu membro
Aliás nesta hora
Sou somente nada mais que um pênis pulsante molhado e enrijecido

Entregue a uma mente que pensa aleatória
Te agarro com força sorriso que és satisfeita
Na minha cabeça muitas dúvidas sobre o teu prazer
Doloroso não saber se gozaste ou se afinal desististe
No entanto na carne uma só certeza
Gozar em você e acabar o suplício
Vai ser não vai ser está vindo então
Vai ser não vai ser o melhor da minha vida
A cabeça gira gira gira e não para
Tudo são visões invisíveis e deformadas
Numa forma sem forma de tudo e de todos
Já começo a pulsar noto que estou suado
Acelero te prendo desculpe és só um instrumento da minha paz
Não aguento mais
Fecho os olhos e engulo meu grito
Agora sou sobras pulsantes de uma pasta que escorre
Aos pulos aos jatos para dentro de tuas entranhas
Pulsando pulsando espasmando tremendo acalmando saindo soltando largando
O mundo começa a fazer sentido outra vez
Não foi nem de longe o que poderia ser
Mas o que é que poderia ser?
Te traio na fidelidade de ser todo teu por uns momentos
Queria que me usasses fizesses de mim gato e sapato
Que fosses passiva e ativa a todo momento
O mundo começa a fazer sentido outra vez
Começo a te ouvir formular qualquer frase
Pergunto o que e me volto ao real
Queria fugir
Não, não me beija
Daqui a pouco talvez volte ao normal
O mundo já está em mim outra vez
Eu já estou de volta ao mundo
E percebo que há alguém do meu lado
É você, me recordo
E sem saber bem por que te beijo molhado
Nas tuas costas suadas de mim
E nosso amor acabou nessa solidão sem fim.

Rio, 1990.

VERSOS PERDIDOS

1.

Pus-me velho para o mundo
E fiz-me jovem dentro d'alma
As poeiras cobrem os homens
As balas abreviam os desejos
E o amor agoniza na terra que chora
Sob as matas
Sob o céu
Sob os pássaros
E a mulher infiel
Pus-me em guarda contra o mundo
E fiz-me morto pra mim mesmo
Nas águas das torrentes nas miragens
Colhi os momentos e guardei-os numa jaula
Pois no jorro dos lamentos
Há o fim dos meus tormentos
Corre a água correm os rios
Os devassos – desvarios
Ah se o deus abrisse a porta
Que se nos dá para o infinito
Talvez o ser
Talvez o crer
Talvez viver fosse bendito
E por isso
Eu, meu próprio cortiço,
Pus-me solto pelo mundo
E fiz-me escravo de minh'alma
Na poesia de um distante amanhecer
No êxtase de um grito de paixão
Os momentos do idílio
Aprisiono em eterna liberdade
Sou um homem penetrando seminua
A vastidão desta fria noite sem lua.

2.

Por que não te amo?
 A pergunta é implacável
 Sua lógica inquestionável
 Sua razão inesgotável
 Me dás amor me dás entranhas
 Me dás presentes e aturas minhas manhas
 És a mãe dedicada
 A chorar o filho morto em vida
 E no entanto não te amo
 O tempo passa, fico velho
 Nas ruas os fedelhos crescem sem parar
 As árvores se renovam sem sair do seu lugar
 Só que eu não consigo começar a te amar

Por que não te amo?
 A pergunta se perde no infinito
 Sua lógica se confunde com o mito
 Sua razão te confessar não me permito.

3.

Quem nunca viajou fazendo amor?
 Num oásis em miragem
 Com um cowboy na estalagem
 Em hotéis luxuriantes
 Em mulheres estonteantes
 Sobre um corpo do cinema
 Tela própria proibida
 O segredo mais interno
 A mentira mais plausível
 Quem nunca se iludiu ao iludir o outro?
 E mentiu e gozou e gemeu no presente
 O desejo do futuro ou de alguém ausente
 As pernas, os peitos, a boca, o sorriso
 Um beijo manso que seja
 Um passeio por um bosque sem flores
 Pois na viagem do amor pouco importam nossas cores
 Quem nunca fodeu aqui um corpo a anos-luz do aconchego?
 O pai morto a mãe jocosa
 O amante da amiga mais fogosa
 As últimas gotas do vinho da festa de outro dia
 Escorrendo pelas costas amorenadas decotadas
 Quem nunca desejou como desejo atual
 O desejo de outro afinal?
 E mentiu sem sentir que mentia
 E gozou o sonho no achar natural
 Talvez com um ligeiro tremor do receio do incontável
 Talvez com um leve sorriso da cumplicidade abonável

Quem nunca viajou fazendo amor
Ou encontrou um grande amor
Fechou-se para o mundo
Aboliu-se para si mesmo e para o gozo
Ou fechou as suas portas ao sensível
Basta-se a si mesmo em sua fuga egoísta no próprio gozo
Ou então é um grande e insano mentiroso.

Rio, 1990.

Copyright

LE PROFESSEUR

J'ai les rêves de mes élèves
Les sanglots de son silence
Je serai
Prochaine année
Un essai de puissance
Pour que les voix deviennent un cri
Pour que les gens respirent une seule vie

Rio, 1990.

Copyright

FACTS OF LIFE

A child, a life, a dream
A love, sketches, a scheme
Deaths, a girl, a scream
A verb, someone, a team

For the years keep on passing
While our minds are still sassing

A man, a star, a knife
Unknown, sex, a strife
Feminism, capitalism, a wife
A song, freedom, pure life

Rio, 1990.

Copyright

DESEJO

Que o país se governe
Que o salário espaireça
Que o pavor se aniquile
Que o amor enriqueça

A vida é o achado maior
O ano tem começo e tem fim
Ser feliz é questão relativa
O assado não é bem assim

Que todos se entreguem à emoção
Que saiam de cima do muro
Pois se não sonharmos com o melhor do futuro...

Rio, 1990.

Copyright

NEW YEAR

Watching the colorful sounds of fireworks
The new year is just 'bout to come in
If you open your doors
If you clean all the floors

...

Rio, 1990.

Copyright

MORE FACTS...

I watch the worldly sounds
And feel the rhyme escape
A man a woman a dream
The everlasting scheme
Oh would that this crystal moment
Could bear infinite disguise
The stream of a love despondent
In search of that which will rise
Minus plus or both
A vouch for a solemn oath

Rio, 1990.

Copyright

SONETO DE ANO NOVO

Que boas festas que nada
Feliz é o pó da estrada
O ser já traz consigo
A tormenta e o abrigo

O brasileiro não tem mais fim
Tem a ti e tem a mim
A vida espera ansiosa
Que a vivamos gloriosa

Com todos os cores
Com todos os jasmins
O céu envergonhado

A força dos atores
Em todos os confins
Um país a ser curado.

Rio, 1990.

Copyright

PELO ANO NOVO**1.**

O homem se adorna
O homem se mata
E eu penso em lavar os dentes
Vejo a dança
A coruja
E eu me divido nos entrementes
Não quero rimar
Não quero amar
Só quero uma mulher
Que entenda o sax romântico
De um Englishman in New York
O golfo o salário
O rock o flanário
Vejo imagens mis, tenho inspirações diversas
Ideias são várias, imagino conversas
A realidade perdeu contato comigo
Que sacação, como diria o fodão
E no entanto eu sou igual a outros tantos
Um babaca, amoroso e carente
Te espero iludido mudando o metro amiúde
E me enterrando em teu desprezo ataúde
Te quero a você
Espero ligares
Pensando em alguém
Que não é quem me goza
Sou um gênio do além
Um safado também
Deslocado talvez
Um perdido cortês
Já disse, espero você
Fodo acolá
Gozo a imagem de alguém
E penso em um longínquo porém

Não importa quem lerá a poesia
A análise a psiquiatria
Mas fui eu por uma vez enfim
Adolescente, adulto, o mim

O homem se adorna
 A bebida evapora
 O eu do que não sei quem serei
 A pobreza do pensamento que se torna tormento
 Gostar é gozar a imagem de outro
 Pensar é assumir o sentir de um outro
 O méier é tão longe
 A márcia distante
 O amor ilusão
 Esta noite marcante

*

Vou pegando o ritmo
 Vou ficando sem sono
 Escrever é cachaça
 E pensar é sem graça
 Não é filosofia é pensar atrofia
 A rima não passa de um querer que se faça
 Amanhã o trabalho
 O desperdício da porra
 A pontuação e a sônia
 Meu amor com amônia
 Quero ver as notícias
 Fluir o pensar
 Escrever minha vida
 E depois me matar.

2.

Se você acha que vai me excitar
 Só por ter seus peitinhos por sob a javanesa
 Durinhos
 Fofinhos
 Se você pensa que vai me deixar louco por me falar
 Com essa voz sensual e solícita
 De gueixa naturalizada
 Se você imagina por acaso
 Que vai me criar caso
 Que vai me deixar fora
 Do meu eu, aí, embora
 Você vá ao deus-dará
 E eu fique a ver navios nos rios de minha mão
 Olha, esteja certa
 Você tem toda a razão
 Aliás é bom que saiba
 Que você é um tesão

E que eu não te guardo ódio
Por me teres relegado
A um plano inferior
Nas escolhas de teu corpo
Só queria te dizer
Nesta história sem querer
Que o nosso tempo acabou
Quando mal nos começou
Na mesa daquele bar
No querer do desejar
No sorrir do se negar
Se você acha que criou um ser amante do prazer
Inexistente, só pensante, do querer mas não poder
Saiba que o amor é nada
Que o sexo, que a cada
Um que te negares
Não darás os teus esgares
Como os darias tu a mim
Sou o homem de tua vida
A paixão tua esquecida
O nosso lugar-comum
Da paixão o urucum
E por fim quero deixar um beijão de mais-valia
Já que tudo é tão em moda
Já que o cisto fere a coda
Pois querer é um horror
É te dar o meu valor
Nosso tempo terminou na mesa daquele bar
Um desperdício um além
Um olhar, toque também
Já se apaga o meu dia
Ao lembrar nossa alergia.

Rio, 1991.

ODISSEIA ESCOLAR**CANTO I**

Da poesia vivemos
Da vida morremos
Aliás, esta aula é muito chata
A mulher do lado
O pensar acabado
Estudar é degolar em bandeja de prata
O rico se explode
O pobre se implode
E o mestre insiste e não mata
O problema estético
A desgraça do cético
O saber numa bandeja de lata
Um poeta imundo
O segredo do mundo
E a prova que destrói e não ata.

CANTO II

A roupa a comida o perfume
O nu e a fome e o fedor
Além de um silêncio asqueroso
Sobre as coisas o ser e o esgoto
Mais que tudo essa triste incoerência
O pensar uma estranha ingerência
Não me fale de este ou aquele
O que importa pra mim é o fim
Que a rima se foda
E a gramática toda
O saber não se acaba em si mesmo
(E vem uma vontade de rimar o torresmo)
Se nem os fatos sustentam-se um ínfimo
O ar ao redor exala um cheiro semínimo.

CANTO XX

A poesia o papel
O dilema cruel
E a aula se arrasta em tropeço
As palavras não vêm
O devir vai além
E me calo num amuo travesso.

Rio, 1991.

O poeta é um ser que quer saber
Se existe o amanhã
Ou se ele crê
Na possibilidade
De um pseudoamanhecer.

Rio, 1991.

Copyright

NO RESTAURANTE (I)

É em momentos como este
De extrema solidão
Com o bar vazio, às moscas
Às 10 p.m. e tão!
Que me vêm à lembrança
O cedo e a tardança
(desculpem, não posso evitar a rima
ela me pega assim por cima...)
Antes o tamborilar nervoso
Dos dedos na mesa
A vontade de pegar a pena
Pena mesmo,
É uma tinteiro
Verídica,
Tantos apartes
Tantas coisas a dizer
Um plano para escrever
Como dizia
Penso na vida
Nada de mais, sentida
Olha, é muita preocupação
(essa é fácil)
Posso pagar no cartão?
A poesia corre frouxa
Se é que é poesia
Os garçons, o ir pra casa
A pior parte de ser sozinho
É chegar ao apartamento
E cheirar o isolamento
Fazer poesia é fácil
O difícil é planejar a poesia
Mas por que não?
Se a noite é um eterno
Acabar do dia
Vamos lá,
Tem novidade
(de Betânia passou a Caetano)
Será coincidência
Ou o sentir temprano?
Passou uma mulher
No meio da salada de frutas
Não pude me furtar
A pressentir e olhar
Sinto que tenho algo exacerbado
Embora sem o metro
O desejo de algo incerto

O mundo na verdade me olha com parcimônia
Se morresse amanhã iria irrealizado
Ainda não aprendi latim
Nem soltei peido de festim
É, porque antes vem o desejo de escrever
O plano, o conchavo com o pensar
E de repente é um só desabrochar
Do verso
Do poeta sem tempo nem espaço
Escrever é um dizimar de emoções
E penso na literatura
No professor, na faculdade
Acordar cedo, pra quê?
Para aprender a ser você?
A hora chega de ir embora
E os couplets mia senhora?
Rima besta
Discurso sem sal
É o bem
Fazendo o mal
Quisera poder pegar a pena
E decifrar as igualdades da novena
Pois não fazem sentido
Nem são o pássaro ferido
Pensar é morrer na tentativa
De ser o outro,
Aposentado vivendo na ativa
E são memórias de mulheres eloquentes
Umas frias outras mornas outras quentes
Aperto o verso
O garçom se aproxima
Ainda quero planejar o meu poema
Não quero repetir o mesmo tema
Na verdade foram muitos os esquemas
Pelos tempos os tercetos e as estrofes
Minha vida é vagar por entre os bosques
Da crescente incertitude do amanhã
Da marcante negritude
Da maçã
Depois do verso mil, depois
De um eterno vir depois
Me sinto esgotado
Na do mundo insegurança de arriscar
Se pudesse tentaria o meu tentar
Pra provar que eu também me sei amar
E sei, Jesus do adultério,
Te odiar

Odeio a mim e ao garçom
E a tudo o mais
E à tristeza de ser possível lhes dizer
Que o tempo vem
Que a noite cresce e eu também
Aos poetas que tão jovens se aventuram
Nas frases feitas nas perdas e nas fortes
É mais um bêbado que me pede uns tostões
É mais um verso que se acaba nos perdões.

Em inúteis contemplações.

Rio, 1991.

Copyright

NOVA POESIA VELHA

Desentoquei o mimeógrafo
Não por opção
Mas por precisão
Pela exegese da alma
Pela catequese do trauma
E aqui se vão alguns poemas
Meio sem direção
Como de resto aleatória,
Sem metro a rima xoxa,
A mente que os produziu
Um diário de fogo
Um rosário de nojo
Que o mundo apareça
Nos versos de um poeta
Pelo papel da solidão
Pelo tropel do ancião
A velhice que surge
No encadear das ideias
Porque poesia é isso
É falar e inventar
É pensar e criar
Alternar a consciência
Com a total demência
No verso inclemência
No todo impotência
Sem sapiência
Mas com inocência
A inocência do poeta criador
O procurar do rebuscar sem saber por que nem pra que
Pelo eterno divagar semipresente
Pela vaga música de um tesão ausente
O saber que desespera
A surpresa na tapera
Pelo aqui e o amanhã
Pela poesia pagã
Nova poesia cristandade de tupã.

Rio, 1991.

NO RESTAURANTE (II)

No fundo são todos pessoas que passam
Miragens de carne
Pedaços de ser
Movem-se errando em seus sonhos plausíveis
Morrem na vida de amores possíveis
São gente, nada mais
São uma vírgula
Uma pausa, um detalhe
No giro do mundo
Um riacho que corre sem sal
Exagero de um desejo irreal
As pessoas que passam
Têm rimas na pele e no andar
As mulheres, os homens
Os mendigos, os réus do lugar
Ah pastiche de gente e de máquinas
Um esgar, um sorriso de pedra
Esta colagem absurda de carros e gente
E gente e gente
E troféus de beleza
Quando muito
Um detalhe, um senão
Um minúsculo nó de pureza
Em meio à vida que corre
No seio do homem de porre
São todos os poetas do nada
Do tudo, do ser, não importa
Há um momento em que essas pessoas
Confundem-se com vagas lembranças
De um tempo, um lugar, um avatar
Intuição do começo do mundo
Pois que voltam eternos olhares
Reflexões dos internos pensares
O mar que longe se encontra
Agora
O luar que invisível se esconde
Lá fora
E há cores e flores e dores
E relógios e risos e amores
E sons e invasões de ardores
E figuras e palcos e atores
Se é que se pode dizer
Que a vida é mesmo viver
No lugar-comum do pensar invisível
O tesão de criar um tenso amanhecer

Que torça o metro
Que quebre a rima
Que destrua a poesia
Para poesia não ser
Que vibre a agonia
Que exploda a utopia
Que rasgue o penar desta alma que grita
Que abafe o rosar de um espírito afoito
Que recuse os dons e os sons e o coito
Que rompa os desejos de ter pensamentos
Que afogue a desgraça de tanto pensar
Pensar, palavra que brilha
No escuro da noite de linhas reclusas
Que brotam suaves em picos de...
Foda-se a maldita intuição
Pra que construir a bendita canção?
Canção é a vida, a gente que passa
O riso perdido, a criança-desgraça
Poesia é a vida, o recheio ao redor
Poesia que nasce de outra poesia
Quebrada, curtida
Chegada e partida
Meandros de algum sentimento
Escafandros de um vesgo tormento
As malditas pessoas
Que passam e passam
As benditas macumbas
Que adornam e curam
Ah poetas que tanto disseram
Ah poderes que nada fizeram
As estátuas felizes que olham o bar
Não bebem não sentem não veem o andar
Das pessoas que passam
Dos casais que se abraçam
Casais que se iludem de amor
Amor, que os deuses renegam
Em versos de estúpido tino
Porém, e por que o porém?
Talvez se acabe também
A corrente da inspiração
O poente
A espera
A ilusão.

Rio, 1991.

O DEPOIS DA TUA MÃO

Apaixonei-me por tua mão
 Um atalho ao coração
 O batom mal colocado, lábios grossos corpo excêntrico
 Um vestido javanês
 Lindo apelo aos meus porquês
 O contraste inundado, um estilo ecumênico
 E no entanto, viras musa de um bar
 Tens no ser o convite para amar
 És tão jovem, tão distante um abismo nos afasta
 O além de meu desejo, a incerteza me desgasta
 O ar se choca em mistérios incontidos
 As palavras se avolumam num crescente maremoto
 São viagens muito rápidas
 E vivências instantâneas
 Tiro toda a tua roupa, te afofo com o olhar
 Admiro tua grande indiferença invulgar
 Faço rimas egocêntricas, fantasias entre linhas
 Me acabo numa cuba, ultrapassado em curvinhas
 Engraçado, não poetiso
 Algo ufano, tri-romântico
 Estou em estado de abstração
 De meu eu, e te contemplo
 Como um príncipe consciente de que já te dominou
 Como mártir decadente que admira a guilhotina
 Como um esteta inconformado que teoriza a figura
 O sem-fim do pensamento
 Mastigando a conjuntura...
 Enfim te quero ser, te quero agora e mulher
 E em meu sexo imaginário
 Poetar simples, primário
 Em a só contemplação
 Me sorrio de uma grande, indescritível ilação
 Pois desejo o teu seio que não vejo escondido
 E te aspiro toda forma de um amor correspondido.

Já que não se dá valor
 Ao álcool, à noite e ao calor.

*(Baseado nas sensações de um amigo que
 olhou as mãos de uma mulher.
 Escrito no dia seguinte.)*

Rio, 07/03/1009.

POEMA CORRIDO RELATIVO

Era alguém. Que era.

Que lembrava a solidão muda, que agourava um viver profundo, que tremia sem saber por que, que inaugurava uma nova pergunta, que mais uma vez causava a não-resposta, que deslumbrava um acontecimento febril, que trazia à mente, incessantemente, o desejo de ser o que jamais poderia ser, que não era, que evocava tardiamente o passado-futuro de algo imóvel que jamais acontecera na vida, que imitava aleatoriamente num infindo, sadomasoquístico, incerto, desconexo jogo de palavras, que, a bem da verdade, não dizia nada, que é na realidade o destino de tudo que perece, que também pode ser o que sobrevive ao tempo esdrúxulo do pensamento exagerado, que é, todos sabem sem querer saber, a única maneira de vislumbrar a incertitude das sãs alegorias, que são necessárias enquanto processo, que não o são enquanto destinatário de um pensar agônico, que é por sua vez um jeito meio arcaico de saber o futuro que o destino inatingível, intocável, imutável reserva às criaturas que pensam e pensam e que pensando acabam optando por não pensar, que é o último baluarte de qualquer sistema humano de organização histórica da vida, que mais uma vez se faz pulsar de contentamento, que alterna indefinida e antagonicamente com o sofrer do universo, que está no poeta que destrincha e disseca as parcelas que compõem a incógnita cósmica de uma equação pseudopredeterminada que não presta se não para indicar a incoerência de viver para morrer, que é o fim, que é o começo, que gera a dúvida que é a grande indagação da humanidade que faz mais do que acordar e dejetar suores romântica e sensualmente assexuados, que exalam a monotonia do envolvente poder rítmico de um mundo vão mas perfumado de dinheiro social-democrata, que é um nome mais feliz porque utilitário para o ócio dementado já incorporado ao ser humano que divaga em favores de interesse e casamentos poderosos, que são, é bem verdade, um jogo eterno de palavras inconcebivelmente bem preparadas que alienam o ser que se entrega à monótona ocupação de se entregar aos bem-viveres da podridão que é segregada pela rotina do dia a dia que mata freudianamente o desejo, que não mais existe e que, porque é só mais um odor daquilo que já não motiva, não prova a existência de nenhuma verdade mais universal, que nunca existiu como uma eficiente completude do mais íntimo questionamento humano, que gerou toda a gama de institucionalizações dos

pedestais religiosos, que são o segregar das glândulas imaginosas inconscientes das pessoas, que, por não saberem por que são pessoas, recorrem a artifícios escusos, escuros e insuficientes para se convencerem de que o amor e o ódio, que matam amiúde, são convergências inegáveis e inexequíveis de uma autoflagelação indutiva socializada pela comunicação forçadamente carente de sociedades e civilizações, que, ao longo destes milênios, povoaram um fragmento de universo, que foi elevado à quintessência da certeza permanente, que se traduz em gurus, professores, governantes e esposos, que excitam, mentem, roubam e utilizam as paixões manipuladas, canalizadas para o egoístico preenchimento do medo da solidão, da morte, do vinho e da amargura, que são, em última análise, um mero porém se colocados de encontro às elucubrações existenciais, que geram dinheiro, mas geram pensar, que é o que realmente interessa aos antimedíocres, que não passam de renegados lutando por uma causa perdida e falsamente apaixonada, que é a enorme e imperdoável falácia da imperturbável e conformista humanidade pós-dilúvio, que, se aconteceu, teve exageradas suas proporções, que chegaram a policiar, vetar e reprimir o sexo, que também é derrotado por algozes interiores, que fortificam um fluxo ininterrupto de pensamentos revolucionários, que movem o cotidiano fastídio de querer ser feliz, que não pode ser um sentimento mensurável, que não existe, que precisa ser complementado por um não-sei-o-quê de consumismo interior, que alimenta a família, o deus, o comerciante e o escritor, que no fundo não passa de um tratante, um excitador de almas sugestionáveis, que se tornam vicários usuários de sentimentos alheios, que, se deveriam ser intransponíveis e intransferíveis, acabam sendo dissecados, analisados, rotulados, compartimentalizados, julgados, adaptados, interpretados e considerados obras primas e feiuras, quando não passam de simples exercícios de tinta e papel, que já são escassos nas possibilidades, quaisquer que sejam, de alguém.

Que é.

Rio, 1991.

O CANTO

Era uma sala quente, com matizes do real. Em um canto um preto mudo, descansado em madeira. Em um outro uma cadeira, tosca, simples, livre no abandono de um início de sujeira. Mais um canto, avulso, lindo, cheio do silêncio que o vazio lhe impingia. O canto derradeiro se confundia com uma porta de onde surgiu a bela Alvina, num vestido decotado até o Filho, florido por cima e monocromático abaixo da cintura; comprido como a dor da minha espera, sentada numa poltrona macia, tão macia que chegava ao desconforto. Trazia na mão a estátua de bronze solorido que chorava de alegria com o bebê nas mãos. E parou Alvina no canto derradeiro. E me olhou de frente, esticada em sua pose campeã. E me olhava meio encolhido de orgulho na poltrona. E me olhava ainda ao fim de dez segundos, pois não posso descrever o ser do tempo. Finalmente me esboçou o querer sorrir pra mim. Foi quando me levantei e fui embora, olhando primeiro o chão acarpetado e desbotado do descuido do trabalho, depois a porta outra que me tinha recebido em dois flancos de metal envidraçado, e finalmente, ao me parar, Alvina estátua que parara de esboçar. Só me lembro das mãos baixas, do seu ventre a reluzir do ouro que não tinha, e do conjunto de seu rosto contra o fundo em porta aberta de paredes penumbradas, os seus olhos tranquilos e uma ruga microscópica a sulcar a face esquerda. Alvina bela e mais três cantos. A sala quente e a porta aberta. Olhei um canto e olhei outro; olhei o terceiro e saí, cravando o adeus em Alvina de pé, esquecida dos três cantos, pousada leve em seu canto derradeiro.

Rio, 1991.

JOANA

Todos na rua conheciam a história de Joana. Desde o dia em que apareceu no jornal. Antes não.

Uma boa moça, empregada honesta, engraçadinha, diziam todos, mas o máximo que faziam era dar-lhe bom-dia ou boa-noite, conforme fosse comprar o pão ou assistir à missa. Um dia fizeram uma festa na rua. Tinha barraquinha, churrasco, cerveja, música alta, crianças ruidosas, rapazes flerteiros porque havia também moças tentadoras de saia curta e meia de nylon, casais abraçados, pais e mães fingidores, padres, pastores e, como não podia faltar, cães e mais cães a cheirar o mundo a nossos pés. Joana saiu e foi olhar a festa. Andou, olhou, comeu alguma coisa e tropeçou. Levantou ajudada por um moço jornalista que cobria a festa para um jornal qualquer. Conversaram, andaram e acabaram a um canto da praça. Joana ria, mas ninguém se dava conta, e o rapaz insistia, mas Joana estava tonta. Quem já foi a uma festa destas sabe como funcionam os frequentadores – é tudo uma questão de oportunidade, a lei da oferta e da procura incessantes, tudo regado a cerveja e churrasquinho – ah, e muita risada falsificada. E o rapaz insistia, agora mais próximo de Joana. Até que Joana fugiu correndo para casa em sua timidez socioeconômica, e o rapaz parou de rir. Mas a festa continuava com seu poder mágico de impelir as pessoas a andarem pela praça sem parar, mesmo desinteressadas.

No dia seguinte saiu o jornal com fotos e textos sobre a festa. Tinha barraquinha, churrasco, cerveja, música alta, crianças ruidosas, rapazes flerteiros porque havia também moças tentadoras de saia curta e meia de nylon, casais abraçados, pais e mães fingidores, padres, pastores e, como não podia faltar, cães e mais cães a cheirar o mundo a nossos pés. Curiosamente, porém, havia uma chamada isolada num daqueles retângulos jornalísticos pequenos e avassaladores que falava de uma mulher da vida, “como nunca faltava nestas festas, devido à oportunidade de conhecer homens seletos do local, pintadíssima, sumariamente vestida, assediando os homens, rapazes e os bons costumes com sua lascívia de baixo calão”. Culto, o autor da matéria descrevia em todos os detalhes a ousadia nominal de Joana, a dama da noite.

Todos na rua reconheceram a história de Joana.

Rio, 1991.

A RIMA

Olhar a vida de longe
Tecer comentários explícitos
Versar os fatos da vida
Catar consequências alheias

O vinho do eu bem mais perto
O amor e o pesar obscuros
O canto em edemas da morte
Ardor de perguntas internas

Em vista das quedas do monge
Por causa dos seres implícitos
Por sobre o apagar da descida
Segundo as impressões das cadeias

No barro do sexo aberto
Com todos por cima dos muros
Embaixo das portas da sorte
Negação de leis e casernas

Em prol destes versos distantes
Pensamento nem sempre evidente
O total de uns parques instantes
A falta da rima coerente
O mesmo se fazer diferente.

Rio, 1991.

VÊNIA

Quantos homens se veem atados ao nada
 Em veios de ouro castiço e mortal
 Percalço obscuro de vênias ausentes e ternas
 Tesouro de águas astrais e eternas

O ser do porvir no devir do não-ser
 Agiotas com calços de pedra nas ventas
 Palavras ao léu consequência de algo não visto
 Temperos sem causa rebeldes de amargo não dito

O vento da morte já sopra os caminhos escusos
 Criando parcelas de sensos ambíguos
 Cabedais e mortais cabeleiras de porcos
 Caminhos cristais de preguiça e ovelhas e focos

Teimando no medo de ver e sentir o arrepio
 O fluir desbragado de versos perdidos no escuro
 Da vida que flui envergada de nojos amorfos
 Em formas tão várias que as formas se perdem em destroços

De quatro em quatro se anelam verdades mentidas
 A cada momento um teor diferente de estio
 Ferinos absurdos contendo a surpresa do afinco
 Bebês de proveta e telhados de vidro e de zinco

Espíritos tortos vontade e pressão abarcantes
 No mar de pureza a vez do naufrágio solene
 Nesse ínterim bebe-se muito café de tristeza
 Massacrando a potência de ter de lutar na avareza

São muitas palavras e estrofes de vida bem soltas
 Ao largo do cais dos sussurros morais de prazer
 Prazer que não acha não vê e não sente o penar
 Da busca incessante que prima por nunca se achar

A bem da verdade a vida é uma grande mentira
 Na falha da estrada um acinte aos pecados do mundo
 Tropel espalhado espelhado no muro dos néscios
 Cultura infiel apelido de todo o comércio

Perdidas no sol as perícias de todos os astros
 Amigos ausentes carentes de sede de ação
 Poréns e porquês assassinam os trens dos amantes
 Os crentes e ateus já convocam as bênçãos bacantes

O fim se aproxima já chega o arauto veloz
De pé na carroça embora se vai o destino
Se rindo se rindo de nós que sonhamos com tudo
Chorando chorando com raiva do inquerito mudo

Ao longe se vão personagens de mudo semblante
Silhuetas de adendos em crise de vã existência
Armadilhas que somos de nossas pegadas perdidas
Opções denegridas nos vemos aguardando a partida

O clamor que conclama os cornos dourados do dia
Paralelos se vão os desígnios de contrapartida
Trocadilhos insossos amargos vestígios de luz
Que se arvora em domínios e estrondos e ordens e em cruz

Derretem os males se esvaem os fins e os meios
Começos de nada castigam perfídias sutis
Falências em baixa desfalques de bela gentilha
O ser que se mira não sabe se trouxe a cangalha

E o dedo de algo a picar irritante o sentido
Do tato e do gosto do cheiro do outro que escapa
Escapando também a galope as trevas dos donos do abismo
Alvéolos rubros argênteo vão egoísmo

Enfim o descanso de todo este inútil porvir
Porvir-sentimento que um dia queria voar
Voar para longes paragens aquém do poder
Poder de querer voar para sempre e esquecer.

Rio, 1991.

A vida é um imenso vazio
Em meio a desejos irrealizados.
E só.

Rio, 1991.

Copyright

SEM TÍTULO ou O OUTRO CAPÍTULO

Tudo que faço reflete um pequeno trespasse
Nada que almejo se faz tão premente de amparo

O caos

O perdão

O trigo

O afinco

O trovão

Malícia de acasos demais infelizes

Os maus

O avião

O perigo

O trinco

A paixão

Tudo que volta se excita com o velho a sorrir
Nada é tão velho quanto uma escolha infrutífera

O tema

O acólito

O novo

O prelo

O serão

Delícia de ocasos gerais aprendizes

O sema

O insólito

O estorvo

O belo

A menção

Tudo fraudando a angélica encenação
Nada mordendo a coceira do túmulo vivo

O crivo

O brilho

O caco

O cenho

O cordão

Perícia de vasos astrais com varizes

O alívio

O trilho

O taco

O desenho

A traição

Tudo se encontra na porta fechada de um óbvio súbito
 Nada concede o eterno tramar em espúrias centelhas
 O teto
 O cabelo
 O tento
 O possesso
 O senão
 Primícia de prazos reais em tais crises
 O neto
 O pelo
 O vento
 O regresso
 A visão

Tudo são poucas versões coroadas de prismas
 Nada são muitos verões afastados do apego
 O vime
 O dito
 O entanto
 O prato
 O cifrão
 Sevícia de atrasos venais e Denises
 O time
 O apito
 O acalanto
 O retrato
 A indução

Tudo vai indo pro nada na eterna ciranda vazia
 Nada pra vir revelar o assédio do altar monstruoso

Dentro do verso
 Um pequeno serviço
 Cantiga de roda
 Aplacar o estupor
 Do clima que insiste em rolar
 Inerte num dístico apócrifo
 A deixa a merda o valor o setor inaudível
 Pavoroso penar de procuras e busca do incrível
 Amarelo rancor de alvíssaras em flores azuis
 Perfume exalado em prazer e pesados fuzis

Tudo não passa de um mero tentar redigir
 Nada de mais só um certo impedir se dormir

O aval
 O porém
 O terçol
 O pastel
 O timão

Notícia de casos sociais das atrizes

O penal
 O harém
 O lençol
 O aluguel
 A eterna

recordação

O fedor
 O arrote
 O tiro
 O espinho
 O verão
 Indolência, amigo, em conter mais um vômito
 O tenor
 O minhoto
 O suspiro
 O escaninho
 A maldita
 intuição

Tudo, meu caro, são blocos poéticos em alternância homérica
 Nada, ou quase, aparece sem que implique em deriva colérica

O que mais copiar
 Nesta noite tão fria?
 Onde está o avatar
 Para a volta do dia?

O postigo
 O telhado
 O vermelho
 O apelido
 O alcatrão
 Pausa em que inenarrável retoma
 Cansado o bardo que poetisa o glaucoma
 O amigo
 O molhado
 O artelho
 O ferido
 A gostosa
 ditosa
 amorosa
 tentação

O final
O artesão
O sinal
A possível
realização

Sedução
Aversão
Asquerosa
Contravenção

Sensação
Delação
Desditosa
Inclinação

Impressão
Conversão
Portentosa
Comiseração

Retração
Convenção
Impiedosa
Constatação

Compaixão
Corrosão
Tão dengosa
Inspiração

Compleição
Ablução
Tortuosa
Indagação

Preleção
Repressão
Tediosa
Erudição

Distração
Prevenção
Valiosa
Elucubração.

SEM ASSUNTO

Tenho vários assuntos a tratar
 O primeiro,
 O janeiro,
 É que estou sexualmente apático
 Em linhas que traço enquanto estático

O segundo,
 Todo um mundo,
 Se esvai em filigranas de almíscar
 Desencontros e polêmicas em ametistas
 O terceiro,
 Um obreiro,
 Debutante de um tempo absurdo
 Elisão de um espírito abelhudo

Mais além,
 Um outro vem,
 E no embargo de um entorno adequado
 A vizinha só deseja um namorado

Verdade maior da existência
 Desespero translúcido e impotência
 Que nem sei se sobrevivo a esta noite
 Se o que sinto é o calmante ou o açoite

Desestruturo

o meu verso
 a bel-prazer
 a rima
 o metro
 o acaso
 de escrever
 o corpo dói
 e
 vai
 buscar

Na ignorância do prazer um mal-me-quer
 Interrompendo-se a música asperosa
 Se é que existe o tira-gosto de sonhar
 Mas vamos deixar de teimosias espirais
 E retornemos ao pensamento contumaz
 O jogo é este
 É brincar com as palavras
 É dizer e não dizer o fim do mundo antecipado

Confundir o tal leitor imaginário
 Teorizar meias-verdades apagadas
 E sorrir das travessuras empenadas
 Pois que é mister

quebrar de novo
 a rotina

pra não ser
 o mesmo
 que
 algum dia
 começou a se dizer

que o verso é a diversão favorita do poeta
 na solidão de séculos perdidos na ilusão do

tempo
 quando

acaba o papel de
 escrever

nos infinitos

da
 i
 ma gi

ção
 não
 são horas

que já
 sabe se
 ou se

não

figura de requintes assustados
 quem te inspira neste dom ilustrador
 sem que as verdades fiquem ditas e rimadas
 sem que as manchas se percebam nas pegadas
 dos rumos
 diurnos e noturnos
 que é para não perdermos

o

traquejo
 de alternar
 seriedade

com

bocejo

e

no

mais

me

despeço

desastrado

energúmeno

rimando

em simetria mas

com

a

triste

mão da rebeldia

ser

orientado

de vai e vem

de

trás

pra

frente

insolente

complacente

displicente

mas

temente

de

algo

eterno

totalmente aleatório que me encontro
em cego despertar de um retorno anunciado
e sem título em virtude da audaz mansuetude

em si

em si

em si,

você,

em si,

vocativo que pari

quando a música jazzza em complicados arabescos

tons sur tons de melodia alucinada

respostas às perguntas dos sentidos

instrumentos que perturbam desabridos

alterando as moléculas desse sonho

impossível

descabível

dementado

e

tão feliz

Copyright

já que se resume nos ardis
 de penetrar raivosamente os ideais
 de florescer nas matas virgens e canais
 do versejar agoniado porque exato
 na precisa incertitude de emoções que se alternam
 em
 sofrer e
 em
 paixões

Que no final de um terminar sem sucedâneos
 Não se fechem os portões tão espontâneos
 regendo

versos
 versos
 e
 mais
 versos
 tão perversos

um
 esgar
 de
 alegria
 disfarçando

astros
 gestos
 e
 albergue
 de
 modestos

o
 almejar
 da
 alquimia
 do
 nefando

e finalmente
 se o sentido renegar as minhas linhas
 se o grande entendimento se fizer muito rogado
 fingirei ignorar tamanha afronta ao enunciado

De tanto trato que não trato muita coisa
 Só de alguns abandonares a momentos
 Cruciais de apego a fatos despojados
 Aleivosias em dodécalos rimados

sei lá

Copyright

que tudo se acabe na orgia
 que tudo se afague na apatia
 que o belo se detenha na coragem
 que os amantes se entrelacem na voragem
 que mais?

Um diálogo interior sem fundamento
 sem princípio
 sem metade
 e
 sem
 fundo

Só pesquisas de locais para as palavras

sem rigores no destrato
 no retrato
 no azedo
 mas também no varejo de noturnos exercícios
 seja em carne seja em mente
 seja frio ou ardente
 e desculpem
 mas não pude resistir
 que essas rimas se me vêm aos roldões
 em loucuras imparáveis de observar o refletir
 ou seja lá o que é que quer dizer
 a pobreza e a riqueza
 de nobres encadeamentos estelares
 semi-humanos nas
 paredes
 de uma noite
 interrompida em mil momentos de orações
 às tintas que nos pintam as conversas
 cada vez mais abstratas
 e seguras
 inseguras que o são por mera e feroz definição
 com licença para os pecados da invenção
 ou até um beijo no perdão
 só pra rimar
 só pra dizer
 me repetir em enfadonhos poetas
 no azul arroxeadado tão bonito dos teares
 que fiam meus versos
 que procuram novas cores
 e
 as vomitam

depois

nesse ar
 tão poluído de suores
 já regados pelos poros

Um papo irônico
 e histriônico
 uma mensagem ou algo extremamente parecido
 uma abordagem, um fenômeno eternamente arrefecido
 pelo crer
 no poder
 de falar com a vida
 dialogar
 com a experiência não sentida
 o segredo cabisbaixo nos tumultos dos morfemas
 um segundo e já são mil e um e dois estratagemas
 quando sempre

e n a l t e c e n d o

p
 e
 r a
 c jogatina
 e o zombeteiro
 b o sal da sina
 e
 n
 d
 o

e por fim

S
 O
 L E I T O R
 E
 R
 T
 E

extraordinário algoritmo
 loquaz e pensativo mentor

resolva
 o
 enigma

dissolva
 o
 mistério

e diga ao poeta
 quem traiu o adultério

Para que possa existir
Para que se faça surgir

o
ponto
final

deste
nosso

compactuado
carnaval.

Rio, 1991.

Copyright

Pensar é dar vazão ao inconsciente
Casar é o pecado insistente
Que deus se recolha bem cedo
Bem antes que morra de medo.

Rio, 1991.

Copyright

O mundo é um pedaço de abstração que não se pode ver
A poesia é um termo da equação do que não se pode ser.

Rio, 1991.

Copyright

Minha mente pensa muito
Meu prazer é minha dor
Eterno é um momento de vagar aleatório pela funda inspiração
O verso é um intuito
O descrever do meu amor.

Rio, 1991.

Copyright

PERDIDO ENTRE VERSOS

O mago das ilusões afoitas
A marca de temíveis pernoites
O amor de um córrego arfante
As palavras de qualquer ser que ofende
Em linhas de curta poesia
Desarrazoados amálgamas em feixe
Curtos pensares de refrões versejados
Cada verso um canto eterno de fincado recomeçar
Cada texto um vil retorno de incerto perambular
Pelas águas do poço
Pela mente do moço
Os pensantes animais se excitam com o choro
Enquanto marcham os soldados da insana obediência
Entre matrizes de absurdos
Calejados e rebeldes
Pois que tudo se amofina
Se reduz e se alucina
Divisando o inconsciente
Marcados arremedos de indolência
São mil versos que começam mil canções
Devaneios seminovos de emoções
No fazer, no dizer
Com fervor, com prazer
E que venham,
Sem fim,
As seduções da alegria inóspita
Um batismo de água fria no calor da jovem freira
O sacrilégio
O florilégio
Da rima inconsciente
Do pecado renitente
Sem falar no decreto penitente
De aduzir a petulância da juventude
Que se expande e se penetra de vontades
O tesão e o desejo das beldades
Senão recluso e portento de marfim
Um céu azul e o amor dentro de mim
O mar aberto e a destruição do fim
Terríveis cismas de alegrias e festim
Que se acabe o sofrimento do povo
Terminando com a velhice do novo
Só pelo dizer das palavras
Só pelo repetir das ideias cadentes
O mago do filão inesgotável do imaginário
Detrator sem sangue frio
Consciente arredio
Perseguição de elucidar a própria alma

Via versos sem sentido de poder apócrifo
Que abandone o poeta os liames da paixão
Sem o do ardor negro patíbulo
Em feliz exaltação.

Rio, 1991.

Copyright

CONVITE AO PROFETA

Agora que o mar secou
E já que o despeito se foi
Que tal um degrau mais além
Um acaso e um pedido também?

Muitas crianças já morrem
A profunda devassidão
Entre rios de cor denegrada
A política corrupção

Ao fim do quarteto de vozes
O pétreo amante se mata
Legado de sérias mazelas
País de doenças ferozes

Trinado de sérias desditas
Corrente de horas malditas
Caviar do desgosto amarelo
Um roubo e monstro singelo

Agora que tudo se disse
E já que a fonte não vinga
Que tal um poema que atice
Um provável que jamais se extinga.

Rio, 1991.

Copyright

PARÁGRAFO

E fiquei covardemente a observar o casal pelas costas: ele magro e preto; ela gorda e branca. E iam abraçados. E ele às vezes a soltava para dizer um gracejo mais arrojado, mas voltava a abraçá-la. E eu a fitá-los sem parar; sempre pelas costas, é claro, parado no ponto do ônibus, naquela posição de espera complacente e acomodada, indagando o horizonte com o casal a quebrar a expectativa do vir ou não-vir do maldito ônibus. E pus-me então a pensar no que leva um homem a abraçar uma mulher, embora esta seja uma questão primorosamente infrutífera, já que homens e mulheres não precisam de uma razão preestabelecida para que se abracem, a não ser a simples e clara vontade de se abraçarem, sem mais nem por quê. E além disso o ônibus não vinha, e eu via os dois cada vez mais a se distanciarem do meu ponto de observação, ela carregando alguns livros, ele brincalhão, galhofeiro e picaresco, em um instante daqueles em que se está atento a tudo elucubradoramente, potencialmente apto a tratados mentais de necrofilia existencial; por que se abraçam os casais? E as perguntas vinham muitas, com as respostas nem tão solícitas. E havia outras pessoas ao redor, mas curiosamente desobservantes do meu fato, quer dizer, o caso do casal que lá ia despreocupado, alheio a meus pensamentos. E pensei logo a seguir no porquê de se abraçarem um ao outro (acho que já falei isso), talvez para demonstrar um amor, mas que amor, falso ou verdadeiro? E pensei também no problema do amor e do abraço, pois não sei bem se é necessário abraçarmo-nos quando nos amamos, além do que é possível amar sem se abraçarem os amantes ofegantes (só para rimar um pouco, não perder a prática). O que era marcante, agora me lembro, era a discrepância entre aqueles dois seres humanos. E aí veio-me a ideia de que eu jamais abraçaria uma mulher daquelas, deformada, antiestética, desatraente, mas também o homem não era tão bonito assim, quer dizer, o que mais ele poderia abraçar se não uma mulher daquelas, sem falar que ela também não poderia almejar grande coisa, mas foi aí que cogitei da relatividade inquestionável do belo e do não-belo (que por sua vez é diferente do feio, bem diferente até), o que me lembrou que talvez o homem se excitasse com aquela mulher e vice-versa, o que faz sentido, “belo” sentido, diga-se de passagem. E no mais, questioneei minha afirmação anterior, pois pensara que jamais poderia considerar sequer a possibilidade de fazer amor com uma mulher daquela figura, o que, a bem da verdade, não era muito verdadeiro; estivesse eu em fase de carência afetiva de alto grau, quem sabe não aceitaria e procuraria aquela

mulher para uma noite regada a sexo e ilusão de amor. E também pode ser que... mas quem disse que sexo é tão importante assim? – amantes não precisam fazer sexo, nem de abraço. E logo eu que tanto teorizo sobre tudo, especialmente se levarmos em consideração que o sexo, o amor e o abraço são tão relativos quanto fazer sexo, amar e abraçar, sem que isso signifique que tenhamos de pensar em sexo com todo mundo, ou amarmos todos com quem fazemos sexo, ou ainda que precisemos abraçar quem sexuamos ou amamos; no fim das contas o casal que faça o que quiser, não é problema meu. E continuei a olhar o casal a se distanciar, pelas costas, é claro, considerando mais uma vez as diferenças entre os dois, tão marcantes, tão distantes, sem que isso me abalasse, pois o ônibus ainda não despontara naquele horizonte já tangido pelo casal cada vez mais pequenino na distância de mim, que aumentava cada vez mais também. E por isso deduzi que não se amavam, que participavam de um jogo sedutório multifacetado, no qual uma das regras era o abraçar e o se deixar abraçar, ou seja, naquele momento o homem até poderia estar apaixonado, poderia ter outras mulheres que compensassem as faltas daquela, o mesmo sendo válido para a mulher. E concordei comigo mesmo que era tudo muito relativo, mas persistia a ideia de que não se amavam, não sei por que, não sei explicar, era como se um sentimento de falsidade me invadissem e me dissesse do desejo, da hipocrisia, da luxúria, da cupidez, da necessidade de um abraço, de qualquer coisa incoerente porque até maledicente (foi pra rimar de novo, afiar a lâmina da rima), sem que isso me afetasse, nem ao casal, a não ser pelo fato de que eu cogitava dessas coisas todas sem os notificar, por trás, covardemente, jogando meu eu e minha pseudocultura interpretativa sem aviso por sobre o comportamento de um casal até segunda ordem inocente, verdadeiro na exteriorização de suas emoções. E concluí que o ser humano precisa amar, por que, não sei... E cheguei a apimentar mais o pensamento: será que faziam amor? E como? E quantas vezes? E com ou sem orgasmo? E com ou sem amor? E os detalhes? (Preocupações do século vinte.) E doi-me de culpa por invadir tamanha privacidade, ainda que tão feia; envergonhei-me de tal maneira que pela primeira vez desviei os olhos do casal, mas voltei a olhá-los, agora duas silhuetas, quase dois pontos dançantes (ou abraçantes) à distância, aproximando-se e separando-se como uma cópula imaginária ao meio-dia. E voltei a pensar no que pensava antes, avermelhando-se-me as faces outra vez pela invasão escusa da privacidade alheia, sendo que, a bem da verdade, que mal há em se observar alguém e desenvolver

ideias e pensamentos? E além do mais, pensei egoística e apologeticamente, o mundo precisa ser observado, dissecado, analisado, e acima de tudo experienciado, mesmo que através da vida amorosa e sexual alheia, direta ou indiretamente compartimentalizada, o que me fez sentir um pouco como um voyeur que goza com o instrumento alheio, e aí voltei a pensar no casamento, quer dizer, será que meus amigos “bem casados” são felizes? E será que se abraçam? E será ainda que compartilham a rotina, a solidão e tudo o mais? E espicacei a curiosidade mais além: o que fazem os casais outros quando não se aguentam mais? E veio-me algo parecido como uma onda de tranquilidade por não ser casado, juntamente com uma certa inveja momentânea de não poder abraçar uma mulher para sentir e testar tudo aquilo que pensara, juntamente também com pontas de uma certeza mais ou menos universal sobre a necessidade do casamento, tudo coroado com a sensação de que conhecendo-se um conhecem-se todos os outros, de que é tudo igual, cada casal a imitação do outro, cada indivíduo a repetição do outro, guardadas as devidas proporções aristotélicas que a uma hora dessas já são fora de escala, mundana ou paradisíaca. E já não mais via o casal singelo, mas via desfilar diante dos olhos enevoados e penetrantes de minha mente milhares de mulheres a quem eu perguntava e tocava, bolinando-as todas, curiosamente perscrutando-lhes as entranhas, observando-as depois abraçadas, a sorrirem, a gesticularem, enfim, analisando-as todas, comendo-as todas com os olhos, com a boca da imaginação e com o sexo doce-amargo da ilusão egoísta de conhecer o mundo que teima em se esconder de meu véu de luz enegrecida pelas chaminés ativas dos vulcões de meu pensar interminável, paranoico e detalhista. E prometi a mim mesmo que escreveria posteriormente uma dissertação sobre aquele momento, se pudesse lembrar de todos os detalhes que observara, coisa difícil de fazer, pois um momento é mais pleno quando se o não consegue definir precisamente. E prometi também fazer perguntas por escrito. E quando começava a sentir na carne as respostas, quando se me vinham em torrentes várias inspirações e imagens e sensações e panaceias, vislumbrei por trás de outro, sorrateiro, o ônibus salvador que me tirou da prisão do pensamento irreverente, inesgotável e imprevisível. E daí que não me lembro mais o que queria falar a respeito do tal casal.

NÃO HÁ DE QUÊ

Obrigado por me fazer sentir o fel
 O alecrim decepcionado
 O cabresto de um passado errôneo

Obrigado por me mostrar o alto astral
 O alvaiade amarelado
 O pintor do meu desgosto de mim mesmo

A que devo a incerteza desse olhar
 Essas marcas sensitivas
 O nenúfar de algum cético artista

Em três marcas me arrependo do adeus
 O então, o pode ser e o desculpe
 As desditas de um ser todo embrulhado

Obrigado digo eu mais uma vez
 Até logo compaixão
 Um abraço no eufórico trapalhão

Os azares de amores impossíveis
 Contritos e humilhados
 Em tal busca de incessante amanhecer

Quando se acontece
 O ser não arrefece
 Ser alguém uma vã coincidência
 O porém a da vida eloquência
 Que mais não diga
 Nem persiga
 Descabido amansar de sentimentos
 Colorido desabrochar de quatro ventos
 Lugar-comum de uma querência aviltada
 Quintessência de um estrela despertada

No que diz respeito a Baco
 A lembrança do buraco
 Que seja então o amanhecer

Obrigado outra vez por merecer
 Um atracado extravasar
 Um operado complicar

Em absurdos desmerecem-se os intrusos
 Inspirados pelos seres
 Depenados e cabreiros

A penumbra deste mundo é muito grande
O tesouro da procura é gigante
E o percurso é terrível
O amor irresistível
A ternura uma dádiva do sonho
O temor o fantasma do medonho

Obrigado pelo acaso de te seres
Tanto em mim quanto em nossos pareceres
Que tudo seja mais que tudo aconteceres
Pela vida que se despeja em prazeres

O poeta, ator pragmático da filosofia fluídica
O desejo, uma paixão perecível
O amante, a teoria do possível.

Rio, 1991.

Copyright

MAIS COISAS

1.

Aquém do porém
 Está o além
 Pra lá do mais certo
 Está o tão perto
 No meio do dístico
 O século místico

Depois do perigo
 Jaz o abrigo
 No jogo do sim
 A tentativa do fim
 O aziago alusivo
 Entrementes lesivo

Enviado dos céus
 Sem tirar os chapéus
 Protegido em anéis
 Nos felizes bordéis
 O mar que deságua
 A mulher sem anágua

Transcritos estão
 Permissivos do não
 Pipocando corruptos
 Trovadores abruptos
 Pragmática chula
 Carismática nula

E por fim o desejo de um tosco alecrim
 Que despoja o leitor sem aviso do cristo
 Aplicado ancião das modinhas vazias
 Eu olhava meu sonho e em sombras corrias.

2.

Perdoa disse a virgem agnóstica
 Não sei urra a besta pernóstica
 E telúrica nuvem de sopro divino chegou
 Imergindo que foram os pobres mortais
 Nessa lama chafúrdica que alimenta o mais forte
 A promessa iminente de uma melhor sorte
 A bonança dos seres que se tornam visíveis
 Os verões brincalhões que destilam o vinho
 O calor das entranhas o tesão das montanhas
 E a seiva do amor desperdiça os amores

E agora indagou a senhora
 Se vira respondeu a má hora
 E se vão os bons tempos na aurora da vida
 Dependentes relógios de momentos atrozes
 No perfeito indigente apagados estão
 Os porquês de obstar a alegria ao portão

Mas por quê? repetia a pessoa
 É a vida já dizia a patroa
 Isso que chega aos pés do marfim
 Elefantes imensos vadios cotejos
 Palavras emigram e perguntam demais
 Soterrando as imagens dos infernos astrais
 Inferno que existe queira a gente ou não queira
 Afogado no barco que se afasta da beira
 As quebradas da mente já depois e jamais
 Devedores devotos de santos mortais

O dever
 O saber
 O viver
 O morrer
 Como não poderia deixar de ser

O destino
 O cretino
 O supino
 O rabino
 Pra tentar reviver o bom tino

Adeus disse a dona da voz
 Que loucura repetiu o ar, veloz
 E se foram pra sempre
 Nas perdidas da noite
 E ficou o silêncio
 Dividindo a aventura
 Descrédito a cumprir
 O segredo
 De chegar sem sair

Rio, 1991.

GARRA

Morro.
Mas jamais abandono a emoção.
Morro.
E quem não morre?
Mas recuso-me a viver estagnado.
Pode um tiro
Um infarto
Um acidente
Retirar-me o sopro anímico
Vivente
Meu legado é a luta por mim mesmo
Sopro eterno
Que revela minha mente.
Morro.
Na figura no desejo no somente.
Perpétuo na lembrança
De uma sombra insistente.

Rio, 1991.

Copyright

ESTEREÓTIPOS

Vi meu padrinho na rua hoje.

Um homem alto, forte, já senhor, cabelos brancos, ar de sabichão, exalando segurança por todos os poros, arrogante, autoritário, prepotente, enfim, meu padrinho. Um homem que respeitava a terra, de onde, supunha, tudo vinha; homem dos campos portugueses que era, tomava sopa toda noite com vinho tinto misturado, costume estranho, mas que poderia ser interioranamente requintado hoje, como, aliás, tantas outras coisas. Educado. Sanguíneo às vezes. Gostava de tudo certinho, dentro das leis, só raramente concedia um suborno. Voz grossa, brincando parecia que brigava; era preciso conhecê-lo bem. Eu, a bem da verdade, não o conheci direito, embora com ele vivesse quase trinta anos de minha vida. Aprendi muito com ele: o ser metódico, prolixo e prolífico, dedicado, galanteador, impulsivo, que são coisas importantes, não há dúvida.

E, meditabundo, lembrei-me de coisas que já se passaram, que já se acabaram. É engraçado como as pessoas se parecem; é como se houvesse em toda essa variedade biológica humana um número finito de estereótipos. Daí que os indivíduos se agrupam ao redor dos estereótipos, de acordo com suas características físico-psicológicas. Pois não é assim?, como diria meu padrinho. Quem já não viu aquele baixote, vermelho, brigão, pinta de italiano valentão, que mexe com as mulheres e se embebada todo sábado depois que fecha a banca? Não importa o nome: Genaro, Ítalo ou Dante, o que importa é o tipo – inesquecível, inconfundível. Quem ainda não reconheceu o português da padaria no caixa com cara de sono domingueiro interrompido pelo levantar da patroa? Alto, vinhoso, tinoso, habilidoso, madrugador, cara de mau mas coração mole, vascaíno doente, apostador e trabalhador inveterado. De novo, o nome não importa: Manuel, Joaquim, Silva ou d'Oliveira, é o mesmo minhoto, trasmontano ou lisboeta que se esconde na falta de criatividade de nossa natureza atropelada e repetitiva.

Todos já identificaram a mulata rebolosa, risonha, de lábios grossos e bunda grande na morena que desce a rua de manhã para comprar o pão. Pode-se até vê-la sambando, com o cheiro do suor característico, pele lustrosa e voz arrastada. Não interessa se é Maria, Eunice ou Penha; o que interessa é que é a mesma preta ou mulata que espicaça a sensualidade cobiçosa dos homens.

Não é preciso abordar o louro magro, musculoso, cabelos oxigenados, para constatar o falar giriesco, cheio de lugares-comuns, neologismos e termos indecifráveis. É óbvio que ele irá falar de boates, surfe e gatas, além, é claro, possivelmente, da faculdade, até quem sabe de um plano de viagem ou negócio. Pode ser Marquinho, Kiko ou Chiquinho, mas o certo é que é o mesmo garotão zona sul ou pseudossurfista que faz body boarding.

Sem precisar conversar cinco minutos com ela, qualquer um já viu várias Amélias na rua, fazendo compras, pagando contas, na fila dos supermercados ou comprando roupas, sem falar nos jargões eclesiásticos ou “nouveau-étudiante”. Sabe-se que fala de comida congelada, fralda descartável e do custo de vida pelo olho da cara. As mãos são meio grossas de detergente, a face um pouco triste e as feições precocemente amadurecidas demais. A conversa é tímida e reprimida, ou então fácil e franca, direta e até vulgar. Não se pode esperar mais de uma Cláudia, Mariza ou Dona Dulce, até porque são a mesma pessoa. Fácil de identificar também é a dondoca zona sul, esposa e mãe, até um pouco aculturada, que faz valer os seus direitos no banco e nas lojas, mais por influência do marido ou de um estudo assaz teórico do que por autoconscientização. Conhece de tudo um pouco, – lê jornal! – já teve até um amante (ou uma enorme vontade de tê-lo), mas educa as filhas com certo rigor e não foge muito da vida familiar e social que leva no apartamento de varanda enorme do Leblon; não sabe chegar ao Méier nem é segura o suficiente para trocar um pneu ou enfrentar um problema mais sério. No entanto, exala autoconfiança. Pode ser Carmen, Sarita ou Elizabeth (com th), que no fundo são uma e a mesma, diferença de detalhes apenas.

E podemos ir em frente, encontrando o malandro, o mendigo, o cdf, a virgem recalcada, a ninfomaníaca, o deficiente, o imigrante, o turista, o turista que ficou, a pedinte com o filho no colo, a puta, o travesti, o puxa-saco, o géron, o judeu, a beata católica apostólica romana, entre outros tipos. Não importa que nome tenham. Não importa o detalhe ou a condição social. São agrupáveis. São classificáveis. Com algumas exceções, que nem a perfeição consegue ser perfeita na natureza das imperfeições. Basta olhar e sentir; basta observar; basta conhecer. E para isso é preciso viver as ruas do Rio, ou de qualquer outro lugar.

Por tudo isso, tenho certeza de que vi meu padrinho hoje.

Rio, 1991.

AVE!

Que voa
 À toa
 Do espaço
 Garoa!
 De cara
 Coroa
 Do céu
 Que enjoa
 Um César
 De proa
 Que poussa
 E revoa.

Enquanto se voam
 As aves, trovões
 Para longe de um rosto
 Deserto de nuvens
 Um mero ambiente
 De calma, ausente
 Eleva-se algo de sonho
 Para lá dos relâmpagos
 Em versos ecoam

Os seres benditos
 Da anunciação
 As rimas musicais
 Os grandes-pequenos
 Pairando sobre o mar
 As respostas, os mortos
 Temos em mitos

De aves, saudade
 De ritos e aytos
 De felicidade

Ave à vida, boa.

Ave
 Ave
 Ave
 Ave
 Ave
 Ave
 Ave
 Ave
 Ave
 Ave
 Ave
 Ave

Rio, 1991.

RÉVEILLON

A pureza da música que excita os sentidos
O cansaço da noite que insiste no dia
Os avanços de lesma no espírito aflito
Ah crianças humanas terríveis celeiros
Mares vermelhos se fogem de dor nos petróleos do mundo
Ares de amor se encolhem ariscos nos bailes e cortes
Quem dera o céu se descesse por sobre os apitos do trem
Esmagando a fumaça, a labareda do ódio feroz
Que torna a poesia um reflexo do medo noturno
No meio do tudo a paranoia sentida, perdida das coisas
Pessoas que passam que vão sem se ficar um segundo
Perdoa senhor, reduzido que foste a um mero assistir
Os telhados já velhos, ancestrais de muletas
De vinhos e pinhos, calçadas boêmias e amanheceres
São os novos bacos que ditam as regras aos velhos
Novas apoteoses novos valores novos anos e repetições
Amantes se beijam na penumbra, surdina de violinos
Dançando agarrados jogados ilhados violados perdidos
A humanidade se atira sem ver no abismo vazio
Palavras palavras tantas palavras jogadas ao léu
Palavras palavras perdidas, de tantos mortais imortais
São versos e notas, acordes de um tempo etéreo
Do artista, peão, pensador e do vulgo trabalhador
Poucos entendem, muitos se jactam, milhares se olham
No espelho irrefletido do incerto e vago amanhã
No terror, escapismo, covarde palpável entardecer
No ardiloso, ditoso, espírito ameno do anoitecer
Quando as linhas de uma poesia de tórrido sentir
Diluem o clímax do final irremediável das festas
Quando escapam já aos ouvidos os sons dos trombones, trombetas modernas
Ao doce clamor dos desejos de boca e de alma
Os beijos, abraços, encontros, piscadas e fodas
Quando o Feliz Ano Novo se estende hipócrita na noite planejada e putrefata
Sem sentido em idílicos alisares de faces e coxas
Entre afagos de mal-estar abatido, insônico e mordaz
Eu me desejo inteiro ao ano novo que chega
Certo na incerteza das pobres linhas que traço
Numa noite já desistente
Num verso de cunho profundamente interior
Em tinta que vaza uma longínqua possibilidade
Em brotando escassos milhares de fluidos salutares
Jamais poderia ser em vão a pena que exala o pobre esnobe coração
Vicejando avatares, comédias, e incríveis artifícios
São vislumbres, são teares, contrapontos enfeitados
E por fim quando tudo já se perde numa noite aparentemente feliz
Pois até o mendigo tem direito às cores da imaginação
No retumbar das promessas, no repicar de insanos tamborins

Eu me devolvo ao verso por mais um ano inesgotável
Feliz no picaresco amordaçar de pseudoverdades e imorais acontecidos
Pelo anelar de todas as possíveis emoções porvindouras
Pelo atestado de deixar impressos meus sentimentos
Em minha própria, insignificante, desconhecida posteridade
No mudo rugido de um choro constante que não sai
Por toda a ambição, covardia, sordidez e violência
Por toda a alegria, a fama, a caridade e a opulência
Dedico ao ano velho um hino de mágico poder
E me entrego ao ano novo indefeso por querer
Longa vida se tenham os propósitos inacabados
Os poetas frustrados os mesquinhos e os despojados
Pois deles é o reino dos incréus
E deles também a ironia dos céus
Que o ano novo inspire a resposta
A satisfação, o poder, a proposta
Que aumentem os versos e as felicidades pungentes
E que se aprenda com a dor, o fedor e os indigentes
Enquanto morrem crianças e pobres e favelados
Enquanto comem perus os ricos e abastados
Na das festividades grande ironia
Na da fome enorme hipocrisia
Feliz ano novo
Que se emende o soneto
Na ascensão do conhecimento
No desmontar do coreto.

Rio, 1991.

ALEATÓRIO

Terríveis terríveis
Estes anos que vão
Esta noite
Apelido de um sono intido
Ah vou dormir
Deixa pra lá
Me salva, meu sono
Vem cá.

Rio, 1991.

Copyright

VERA

A você que me ensina
Essas coisas de erotismo
E que por vezes me domina
Nesse nosso sexo-tropismo
Lhe dou despudorado um beijo
Bem no meio das pernas
Sacana no desadormecer do desejo
Nessas nossas idas e vindas eternas.

Rio, 1991.

Copyright

POEMAS DE BAR**I**

Hoje me dei uma rosa.
E por que não?
Como uma alma dengosa,
Um ermitão.

Comprei de uma moça morena
Que me olhou desconfiada
Imaginou algo de muita pena
Por tal compra inusitada

Não sei bem pra quem dar esta rosa
Se pra mim ou pra mim ou pra mim
É até que bastante cheirosa
Um botão de uma vida carmim

Tenho até a quem dar esta flor
Não seria jogada no lixo
Mas me afeiçoo ao amor e à dor
E também a um simples capricho

Olho a rosa e a rosa me olha
Não sabemos o que nos dizer
Meu silêncio a invade e desfolha
Antes mesmo de acabar o prazer

E enquanto admiro a florzinha
Reencontro o ar ao redor
Me alivio de saber que é só minha
Sem soberba e sem pormenor

Quantas mulheres me agradeceriam
O presente vermelho e fechado
Quantos homens não me invejariam
Por não terem tido este cuidado

Mas a vida resume-se nisso
Um ser e uma rosa num bar
A música num som submisso
E o espírito já perdido a voar

Olho a rosa e me lembro de algo
De um copo ou de um tamborim
E constato que não sou o fidalgo
Que agradou sua dama assim

A rosa na mesa e o homem
Já trintão a escrever tão distante
Que cenário, onde os versos não somem
Um enigma, um tom discrepante

Vou levar minha rosa pra casa
Talvez vá pensar n'ua mulher
Colocá-la em cova não rasa
E fazer um pedido qualquer

Meu olhar se mistura ao aroma
Numa essência brilhante e suave
Já virei uma parte da soma
Percebi que não há nada de grave.

II

Enredei-me com uma poesia
confusa
à la grega.
Desgostou-me o não entendê-la
obtusa
a mente.
Prossegui na leitura da mesma
rebaixado
humilhado
perdido.
Percebia alguns toques de nexo
mas ardia como virgem no sexo.
Desisti da poesia
tão longa
tão assim doentia
e decidi dedicar-lhe em dístico
um que se foda bem claro e artístico.

III

Foi o bar que me flagrou
Ou o tempo que passou?
Já existe o fim do mundo
Ou são horas de fechar?
Foi a dúvida que entrou
Ou o real que aflorou?
É uma poesia que se cria
Ou a vida que se espia?

O AMOR

O amor não se desfaz
É eterno
Não diminui
É sempre mais.

Rio, 1992.

Copyright